



ENTREVISTA COM PAULA VALÉRIA DA COSTA ALVES.



Acadêmica do 3º ano de Pedagogia, membro do Centro Acadêmico de Pedagogia - CAPE e do Movimento de Ocupação do Instituto de Educação

falavam, não trocavam informações, não pensavam em algo coletivo. Agora estamos pensando na possibilidade de fazer um evento conjunto e, com certeza, a relação entre nós melhorou muito. Foi uma alegria constatar que agora nos sentimos bem à vontade para entrarmos no Centro Acadêmico uns dos outros, inclusive.

Como já disse, temos diversas reivindicações locais. Surgiram dentro do movimento também algumas ideias que pretendemos levar para além do movimento, como o encontro dos estudantes de Licenciaturas, um possível evento organizado pelos cursos de Psicologia e Pedagogia; a revitalização de alguns espaços ociosos ou mal destinados etc. Pensamos também em trazer a comunidade para dentro da Universidade mais vezes.

Revista Pedagogia: *Entre os dias dezessete de novembro e dezessete de dezembro ocorreu o Movimento de Ocupação do Instituto de Educação e de outras unidades acadêmicas da UFMT. Por que o Movimento de Ocupação foi importante para o Instituto de Educação e para a UFMT?*

O Instituto de Educação estava "desocupado" há muito tempo! Estava esvaziado de lutas e sem participação estudantil nas discussões para obter melhorias e mudanças. Com a ocupação ele ganhou um "gás"! Teria sido ainda melhor se todos tivessem entendido a importância deste momento na nossa história, mas pelo menos vários alunos e professores conseguiram ver que os alunos tiveram voz ativa, inclusive nas decisões que dizem respeito ao nosso Instituto. Antes dessa ocupação, os cursos de Psicologia e de Pedagogia caminhavam muito distantes; alunos que não se



E algo muito importante, manter nossos espaços ocupados, prosseguir com a luta, com a integração entre os cursos entre os Centros Acadêmicos.

Revista Pedagogia: *Por que os estudantes escolheram essa forma de protesto e o que torna a Ocupação um ato legítimo?*

Poderíamos simplesmente exigir que as aulas da grade curricular fossem contextualizadas, que houvesse espaço para fazermos rodas de conversa, palestras, oficinas tratando dos assuntos curriculares, porém o movimento de ocupação tem algumas vantagens que se sobressaem às alternativas acima citadas. Uma destas vantagens é poder vivenciar a Universidade de verdade, estar dentro dela, descobrir e ocupar espaços que nós, alunos, desconhecíamos por completo.

Discutimos isso em uma das nossas reuniões e foi bem interessante ouvir, por exemplo, colegas dizendo que descobriram novos espaços, que sentiram a necessidade de arrumarmos à horta que temos aqui, que se colocando no lugar das funcionárias que cuidam da limpeza, que despertaram a consciência de manter o espaço limpo etc. Muitos acadêmicos compartilharam essas e outras experiências similares.

Outra vantagem a ser assinalada foi o fato de trazermos a comunidade para as aulas públicas e abertas. Entendemos a importância da nossa grade curricular, porém ela é restrita. Não nos coloca em contato com a opinião de pessoas de outros cursos, secundaristas, pessoas comuns que não pertencem à comunidade acadêmica e até mesmo com professores que vêm para assistir as aulas. Para além das aulas públicas, interrompemos a grade curricular para falar da luta na Universidade; para pensarmos em coisas que precisam mudar. Alguns cursos se reuniram para discutir interesses comuns das Licenciaturas. O encontro surgiu durante a ocupação, com a ideia de trocarmos experiências, aprender e pensar em projetos de extensão conjuntos.

Outro aspecto peculiar da ocupação foi também o poder de "incomodar" os professores que, como todas as demais pessoas, precisam pedir autorização para entrar no prédio. Foi uma forma de fazer não só os professores, mas também nossos colegas graduandos e pós-graduandos, entenderem que nós, estudantes, temos voz ativa dentro da universidade.

O movimento de ocupação é legítimo porque foi deflagrado em assembleia geral de cada curso e reforço aqui à importância da participação dos alunos nas assembleias de seus respectivos cursos para participarem dessas decisões. Tanto na assembleia dos professores, quanto na assembleia geral dos estudantes da UFMT decidiu-se pela não deflagração de greve, porém reconheceu-se a autonomia de cada curso de ocupar e de repudiar qualquer ato que tentasse deslegitimar o Movimento de Ocupação que foi decidido de forma democrática.



Revista Pedagogia: Qual a repercussão do movimento na mídia?

Temos nos questionado muito a respeito disso! A FCA (Faculdade de Comunicação e Artes) está ocupada assim como IE (Instituto de Educação) e as ocupações são unificadas. Temos mantido diálogo a respeito disso e levantando a discussão sobre a divulgação na mídia e pensando em estratégias para que a comunidade entenda a ocupação e o porquê da mesma.

Na Internet a ocupação tem sido bem divulgada, tanto nos jornais online, quanto pelas páginas "Ocupa UFMT", "Ocupação IE UFMT/ Cuiabá" "Ocupa IL/FCA" "Ocupa ICHS/IGHD". Além disso, temos a rádio "Voz da Ocupação" projeto do curso Comunicação Social que tem divulgado as atividades, em notas falando sobre a PEC 55, sobre as ocupações que estão ocorrendo em outros blocos e etc. A Rádio tem um canal no *YouTube* e tem sido divulgada diariamente pelo *Whatsapp*. Essa semana iniciou-se também a mobilização nos pontos de ônibus próximos a UFMT, no Restaurante Universitário, e nas salas de aulas (dos cursos não ocupados) onde explicamos mais detalhes sobre o movimento de ocupação e nossas reivindicações.

Revista Pedagogia: *Devido à conjuntura política atual, existe na Universidade uma divisão de opiniões quanto a sua ocupação. Como você percebe essa diversidade e como o movimento tem lidado com ela no âmbito do Instituto de Educação?*

Sempre estivemos abertos para o diálogo com aqueles que são contrários, inclusive por muitas vezes pedimos que viessem conhecer o movimento, entender como estava organizado e que participassem das aulas públicas e palestras que foram ministradas por professores que apoiam a causa. No curso de Pedagogia a adesão foi praticamente integral. Alguns diálogos ou manifestações contrárias se limitaram a comentários no *Facebook* e na assembleia geral da UFMT (alguns avaliavam que a não adesão à greve estudantil acabaria com o movimento de ocupação). As principais críticas vieram de estudantes de outros cursos que, em nome do Movimento Desocupa, mandaram a polícia várias vezes ao Instituto. Houve também uma tentativa de abaixo-assinado para deslegitimar o movimento de ocupação, enfim, apenas boatos para desmobilizar ou para criminalizar o movimento.

Alguns não apoiam essa forma de luta tanto por interesses pessoais quanto por concepção política. Possivelmente, eles entendem a ocupação como algo "esquerdista" ou, simplesmente, não conhecem e não procuram entender o movimento.

Uma das formas de lidar com os que se opunham foi a nossa postura de diálogo e de convencimento. Além disso, reforçando a segurança do prédio, mantivemos pessoas nas portas 24 horas e fizemos um controle de entrada e saída de pessoas para evitar qualquer dano às instalações e equipamento. Tivemos também, o apoio de vários professores que nos auxiliaram nesse processo, inclusive da direção do Instituto de Educação que nos forneceu ofícios os quais usamos para que a polícia entendesse e reconhecesse a legitimidade do movimento. Lidamos com a maior diplomacia possível, pois o



movimento de Ocupação é um ato pacífico que tem como objetivo a troca de conhecimentos entre alunos, professores e comunidade.

Revista Pedagogia: *No conturbado cenário político atual, qual é a importância dos movimentos de ocupação e de greves estudantis?*

Entendemos que movimentos de greve, por si só, já não causam tantos impactos. Muitas vezes a greve é entendida como “sinônimo de férias”... Para os estudantes, porém, a ideia de uma ocupação é percebida como uma forma de manter tanto alunos quanto os professores na Universidade. Sabemos que por trás desse cenário a uma série de interesses maiores e que é muito provável que nós não alcancemos nosso principal objetivo que é barrar a PEC 241. Contudo o movimento conseguiu fazer com que a comunidade entendesse os impactos dessa mudança constitucional. Incluímos também como pauta na ocupação algumas reivindicações locais, como a manutenção da Assistência Estudantil, o Restaurante Universitário ao preço de R\$ 1,00 para os estudantes, as questões de segurança no campus, entre outras mais específicas de cada curso.

Esse momento de ocupação e greve foi importante para que pensássemos nas mudanças necessárias para a nossa Universidade. Além disso, realizamos atividade que incluíram a comunidade em geral, o que, por sinal, é algo que precisamos buscar cada vez mais, assim como a união e a interação dos alunos dos diversos cursos. Esse aspecto, aliás, foi muito promissor e gerou ótimos resultados.

Revista Pedagogia: *Além de ser uma forma de protestos contra o PEC 241 e PEC 55 e a reformulação do ensino médio, o que o movimento de ocupação agregou para os acadêmicos e para a população em geral?*

O movimento de ocupação foi bom, foi significativo, principalmente para quem construiu esse movimento, pois vivenciou a universidade de forma intensa durante esses dias que mantivemos o Instituto ocupado. Tanto que agora temos uma relação bem mais próxima com a direção, com as chefias dos Departamentos, coordenadores dos cursos de graduação e pós-graduação e com os demais docentes e estudantes. Teria sido melhor (e gostaríamos que fosse assim) se os estudantes de todos os cursos entendessem esse momento não como folga, mas como horas complementares na nossa formação. Ainda estamos muito ligados com a obtenção de papéis que certificam a nossa participação. Precisamos entender que o conhecimento vai além disso. Os “certificados” não são tudo! Tivemos palestras e aulas com excelentes professores; debates que muitos eventos com certificados não nos possibilitam ter. Além disso, foi muito prazeroso compartilhar com a comunidade, com estudantes e professores secundaristas a mesma sala, algo que raramente é possível.

No curso de Pedagogia falamos muito em currículo oculto, educação informal etc., mas acabamos desvalorizando um momento destes, que foi muito além de discutir os impactos da PEC na educação. Poderia ter ido ainda mais longe se tivéssemos uma participação mais consistente dos alunos; se tivéssemos aproveitado mais esse momento. O curso de Pedagogia da UFMT tem uma história de envolvimento social e



por um tempo o deixamos ficar só nos documentos guardados no Centro Acadêmico. Está na hora de voltarmos a agir politicamente, principalmente nesse cenário de tantos ataques a Educação. É preciso entender que a Pedagogia é um curso que deve lidar sempre com essas questões e não podemos fingir que elas não nos afetam. Gostaria muito que os alunos, tanto os que estão entrando, quanto os que já estão concluindo o curso, dispusessem um pouco do seu tempo para participar de assembleias estudantis, de discussões e eventos com o intuito de construirmos, coletivamente, um curso sólido. Somente com a contribuição de todos teremos uma formação mais ampla e uma educação de melhor qualidade!